

Comércio justo e solidário: feiras de economia solidária nos campus da UFPel promovidas pelo Tecsol (Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária)

Luiza Guterres Brettas¹; Antônio Cruz²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel)– luiza.brettas@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – antoniocruz@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O comércio justo e solidário (CJS) ou “Fairtrade” é um movimento que surgiu na Europa, no começo dos anos 70, como uma alternativa e resposta ao comércio convencional e ao alto padrão de consumo visando uma maior equidade no comércio internacional. A comercialização de produtos dos países subdesenvolvidos nos países desenvolvidos, uma relação mais próxima e humana entre o produtor e o consumidor, uma sustentabilidade¹ econômica, social e ambiental e principalmente que todas as pessoas possam ter acesso a um salário decente e condições de trabalho dignas são meios para alcançar um comércio justo e solidário.

Quando se fala em consumo, afirma-se que é um ato político, pois consumir algum produto ou serviço se trata de uma escolha. Ao escolher comprar um produto ao invés do outro causa um impacto ao meio ambiente e as relações sociais, conforme citado por MASCARENHAS, T.S.; GONÇALVES, J.; BENSADON, L.S (2014). As escolhas são baseadas, muitas vezes, em preço, se tal bem é substituído por outro, a satisfação do consumidor ao realizar a compra e a influência por valores morais (por exemplo: optar por produtos que não realizam teste em animais). Para saber se o produto no qual estamos consumindo faz parte do CSJ há uma certificação internacional e quando o produto carrega o selo Fairtrade significa que cumpriu com os princípios do comércio justo. Os princípios são: fortalecimento da democracia, condições mais justas de produção, desenvolvimento local, respeito ao meio ambiente, respeito à diversidade, comunicação e informação ao consumidor e por último, a integração entre os elos da cadeia produtiva.

No Brasil, segundo o INSTITUTO KAIRÓIS (2013), existem cerca de 25 grupos de consumo responsável² e circuitos locais de comércio justo. Conforme citado por CRUZ, A. (2014) um circuito local utiliza os mesmos princípios do comércio justo internacional e uma relação direta entre produtores e consumidores, mas garante produtos com preços mais acessíveis e sustentáveis que o Fairtrade Internacional e uma oportunidade única de escapar do comércio convencional. Existe um circuito local de comércio justo e solidário localizado na cidade de Pelotas, o Bem da Terra. A associação Bem da Terra foi criada em 2009 e prevê três tipos de associados: empreendimentos, trabalhadores das estruturas de comercialização e entidades apoiadoras. A associação possui o

¹ Sustentabilidade: é a característica de um sistema ou de um processo cujas condições permite reproduzir-se indefinidamente, sem afetar a capacidade das gerações futuras de usufruírem das mesmas condições oferecidas às gerações presentes.

² Consumo responsável: “estimular a reflexão e a prática sobre o poder político existente em cada pequeno ato de escolha, em cada opção de consumo que fazemos, e, assim, estimular atitudes responsáveis, comprometidas com o mundo, com as pessoas e com a vida como um todo.” (INSTITUTO KAIRÓIS, 2016)

apoio do TECSOL (Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Tecnologias Sociais e Economia Solidária da Universidade Federal de Pelotas - UFPel), do NESIC (Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL) e NESOL (Núcleo de Economia Solidária do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFSUL). Desde o dia 22 de agosto de 2018 estão ocorrendo feiras de Economia Solidária da Associação do Bem da Terra nos campus da UFPel através de assessoramento do Tecsol. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar o funcionamento da feira, sua finalidade e os impactos para os produtos, consumidores e comunidade local. Também será discutido, através dos princípios do CJS apresentados, se estas feiras estão contribuindo para um comércio justo e solidário na comunidade inserida.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de incubação de empreendimentos econômicos solidários, pautado pela educação popular e pelo desenvolvimento de tecnologias sociais, ou seja, metodologias ou técnicas desenvolvidas através de grupos sociais com ou sem a participação de especialistas científicos com o objetivo de oferecer soluções e aprimoramento de técnicas já existentes. Consiste no acompanhamento dos grupos, bem como o aprofundamento sobre novas formas de organização, de redes de produção e consumo, com base nos princípios de economia solidária.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Feiras de Economia Solidária da Associação Bem da Terra com apoio do TECSOL ocorrem no campus ICH (Instituto de Ciências Humanas), no Campus Anglo e Campus Capão da UFPel. A periodicidade é de três vezes por mês alternando o local e estão previstas para acontecerem até o final do ano de 2018. Ocorreram três feiras até o momento da realização deste trabalho. O TECSOL realiza o processo de incubação³ das feiras, ou seja, assessoramento nas áreas: pedagógica pela realização de cursos de formação; jurídica no âmbito da legislação; econômica através do planejamento; tecnoprodutiva no aprimoramento das técnicas de produção e melhoramento dos produtos; e relacional que estimula as práticas participativas de autogestão e solidariedade interna dos grupos. Os empreendimentos permanecem incubados até que os mesmos consigam realizar as feiras de forma mais autônoma e alcançar a autogestão que é a principal finalidade, para que dessa maneira, existam espaços onde haja mais transparência, democracia nas decisões e uma participação coletiva. E também existe um processo de “acreditação” realizada pela TECSOL que é a forma para comprovar que os empreendimentos são, de fato, de economia solidária. Os critérios analisados são: suprafamiliar, econômico, se existe trabalho coletivo, autogestão e se é permanente. Uma equipe composta por avaliadores indicados por cada categoria: produtores, consumidores e representante de uma entidade de apoio analisam e aprovam a “acreditação”.

Além de contar com produtos agroecológicos, artesanais, locais e produzidos em harmonia com o meio ambiente, a feira então, é um meio onde os consumidores possam ter uma relação mais próxima com os produtores e vice-

³ Processo de Incubação: forma de assessoria a grupos sociais desenvolvendo atividades de apoio e consolidação dos empreendimentos.

versa. Os consumidores têm a oportunidade de conhecer o produto no qual estão comprando e de verificar todas as etapas do processo até o momento da venda. Também contribuem para que o dinheiro pago pelo produto seja o correspondente pelo trabalho empregado e que o mesmo fique nas mãos dos próprios empreendimentos, sem ser “terceirizado” por indústrias e comércio já que é uma relação mais direta. Segundo SILVA, M.G.; ARAÚJO, N.M.S.; SANTOS, J.S. (2012), “O objetivo do consumo, quando consciente, extrapola o atendimento de necessidades individuais. Leva em conta seus reflexos na sociedade, economia e meio ambiente”. Dessa maneira os estudantes, professores, servidores e consumidores em geral têm a oportunidade de conhecer o CJS, observar que existem processos produtivos que respeitam ao meio ambiente e possuem uma alternativa a mais para suas escolhas de consumo através das feiras presenciais próximas.

Além das finalidades citadas anteriormente, as feiras são uma prática de resistência ao comércio convencional, pois o comércio convencional no qual estamos inseridos visa à maximização de lucros, a distribuição de renda permanece centralizada na mão de poucas pessoas, estimula a competitividade e um uso exaustivo dos nossos recursos naturais. Portanto, as feiras são importantes para a quebra do consumo convencional e para a existência de novos meios mais justos, humanos e solidários do sistema econômico.

4. CONCLUSÕES

São diversos os desafios e problemas encontrados durante o caminho pelos empreendimentos solidários já que é um comércio que se encontra em crescimento e muitos produtores e consumidores não conhecem os princípios do CJS. Contudo, as feiras promovem o debate ou pelo menos a curiosidade das pessoas que passam pelas mesmas, disseminando aos poucos a autogestão, a sustentabilidade e contribuindo para assuntos como direitos humanos, discriminação no trabalho (exemplo: remuneração diferenciada por uma questão de gênero) assim proporcionando melhores condições de trabalho. Por passarem por um processo de “acreditação”, respeitam os princípios do comércio justo e solidário promovendo o crescimento desta alternativa ao comércio. Os produtores estão desenvolvendo capacidades, adquirindo conhecimento e se aproximando cada vez mais dos consumidores através do processo de incubação. Geram um impacto positivo na comunidade acadêmica e local, pois além de todos estes benefícios, os produtos são produzidos e vendidos localmente fomentando a economia da cidade de Pelotas e reduzindo o impacto ambiental que é causado por grandes indústrias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASTI, Ana Larronda. Uma reflexão sobre as dinâmicas do comércio justo: dilemas do crescimento. In: STELZER, Joana; GOMES, Rosemary [orgs.]. Comércio justo e solidário na América Latina. Florianópolis, CAD-UFSC, 2016. pp. 299-332. Disponível em: <https://cejegd.files.wordpress.com/2016/07/comercio-justo-v2-web.pdf>

CRUZ, Antônio. “Circuitos locais de comércio justo”: produção, distribuição e consumo articulados solidariamente em organizações territoriais – Brasil e Argentina. Acessado em 10 Set. 2018. Online. Disponível em: <https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/66543.pdf>

GÜNDER-FRANCK, Andre. Acumulação dependente e subdesenvolvimento: repensando a teoria da dependência. São Paulo: Brasiliense, 1980. pp. 121-173.

INTERNACIONAL, Fairtrade. **What is fairtrade?** Acessado em 4 Set. 2018. Online. Disponível em: <https://www.fairtrade.net/about-fairtrade/what-is-fairtrade.html>

MASCARENHAS, T.S.; GONÇALVES, J.; BENSADON, L.S. **A atuação dos grupos de consumo responsável no Brasil: expressões de práticas de resistência e intercâmbios em rede.** Comunicação ao VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo. Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, M.G.; ARAÚJO, N.M.S.; SANTOS, J.S. **“Consumo consciente”: o ecocapitalismo como ideologia.** In: Revista Katálysis, v. 15. Florianópolis, ESS-UFSC, 2012.

WFTO; FLO-International. **Carta de los principios del comercio justo.** Acessado em 4 set. 2018. Online. Disponível em: [https://www.wfto.com/sites/default/files/Charter-of-Fair-Trade-Principles-Final%20\(SP\).PDF](https://www.wfto.com/sites/default/files/Charter-of-Fair-Trade-Principles-Final%20(SP).PDF)